

# (RE)EXISTÊNCIA DOS PRODUTORES DE ABACAXI EM MONTE ALEGRE DE MINAS (MG)<sup>1</sup>

## (RE) EXISTENCE OF PINEAPPLE PRODUCERS IN MONTE ALEGRE DE MINAS (MG)

Alessandra Rodrigues Guimarães<sup>1</sup>, Vera Lúcia Salazar Pessoa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Rio Claro, SP, Brasil

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Catalão, GO, Brasil

Correspondência para: Alessandra Rodrigues Guimarães alessandraufu@gmail.com)

doi: 10.12957/geouerj.2017.25056

Recebido em: 10 ago. 2016 | Aceito em: 14 set. 2017



### RESUMO

As atividades agropecuárias sempre foram a base da economia do município de Monte Alegre de Minas. No que se refere à produção do abacaxi, a história desse cultivo no município iniciou-se na década de 1940, por um produtor natural de Caicó (RN). Desde então, a produção começou a se expandir no município. A década de 1980 foi o período auge de produção. O município foi reconhecido, nacionalmente, como a "Capital Nacional do Abacaxi", pois tinha uma produção anual de 149 milhões de frutos colhidos. Entretanto, no final da década de 1990, esta produção começou a decair, devido a fatores, como o custo de produção, falta de incentivos, a inserção da cana-de-açúcar no Triângulo Mineiro, o cultivo da soja e do milho. E, com isso, muitos produtores interromperam o cultivo do fruto, pois estavam obtendo mais lucro com o plantio de outras lavouras, do que com o próprio cultivo do abacaxi. Mesmo apresentando decréscimo na produção, o cultivo de abacaxi em Monte Alegre de Minas causou uma (re)organização produtiva no município. Desse modo, o presente trabalho visa mostrar as estratégias de reprodução dos agricultores familiares produtores de abacaxi, frente às transformações socioespaciais e econômicas no município de Monte Alegre de Minas (MG).

**Palavras-chave:** Cultivo de abacaxi. Processo produtivo. Agricultura familiar. Resistência. Monte Alegre de Minas (MG).

### ABSTRACT

Agricultural activities have always been the basis of the economy of the municipality of Monte Alegre de Minas. With regard to the production of pineapple the history of cultivation in the city began in the 1940s, by a natural producer of Caicó (RN). Since then, production began to expand in the city. The 1980s was the peak period of production. The city was recognized nationally as the "National Capital Pineapple" because he had an annual output of 149 million harvested. However, in the late 1990s, this production began to decline, due to factors such as the cost of production, lack of incentives, the inclusion of sugarcane in the Triangulo Mineiro, cultivation of soybeans and corn. And with that, many farmers stopped growing the fruit, because they were getting more profit by planting other crops than with the actual cultivation of pineapple. Even with decrease in production, pineapple cultivation in Monte Alegre de Minas caused a (re) productive organization in the city. Thus, the present work aims to show the reproductive strategies of family farmers pineapple farmers facing the socio-spatial and economic transformations in the municipality of Monte Alegre de Minas (MG).

**Keywords:** Cultivation of pineapple. Productive process. Family farming. Resistance. Monte Alegre de Minas (MG).

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Dissertação (Mestrado em Geografia)

A agricultura familiar no Brasil é relevante, pois é este segmento que produz grande parte dos alimentos consumidos nas áreas urbanas, além de ser geradora de emprego e de renda, ainda faz manutenção das pessoas que residem no meio rural. E mesmo ocupando funções importantes, este setor ainda carece de uma série de fatores, como a falta de políticas agrárias e agrícolas, o baixo valor agregado aos produtos que são produzidos em suas propriedades e a dificuldade de comercializar.

O cultivo de alimentos pelos agricultores familiares é expressivo para a economia brasileira, pois este setor é responsável por mais de 60% da produção de alimentos básicos para o consumo da população. Dentre os produtos cultivados, as frutas representam importante classificação de alimentos produzidos no país, sendo um importante produtor e exportador de frutas (FAO, 2010).

A produção de frutas no Brasil é significativa, abrangendo uma área total cultivada de 2,2 milhões de hectares distribuídos pelo país, e emprega em torno de 5,6 milhões de pessoas, correspondendo a 34% da mão-de-obra rural (IBGE, 2014). Nesse contexto, o país é o terceiro maior produtor mundial de frutas, atrás apenas da China e da Índia. A produção em 2010, conforme a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) foi de 39 milhões de toneladas de frutas, o que representa 6% da produção mundial. A produção brasileira está voltada para frutas tropicais e subtropicais. Dentre as frutas produzidas, destacam-se a manga, maçã, banana, melancia, uva, laranja e abacaxi. Em relação à produção de abacaxi, a mesma está concentrada, principalmente na região Nordeste e Sudeste do país. No Nordeste, o destaque é para o estado da Paraíba, principal produtor de abacaxi do território brasileiro e no Sudeste, o estado de Minas Gerais lidera o ranking de terceiro produtor do país (FAO, 2010).

O abacaxi, tanto para o Brasil, quanto para Minas Gerais é um fruto importante, pois abastece o mercado interno e também o mercado externo, sendo que em Minas Gerais, 94% da produção de abacaxi estão concentradas no Triângulo Mineiro<sup>2</sup>, sobretudo, em Monte Alegre de Minas, onde sua produção é significativa pelos agricultores familiares.

---

<sup>2</sup> A expressão refere-se à Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, de acordo com a classificação do IBGE.

Esta fruta possui importância econômica e social para o município, objeto de estudo dessa pesquisa, pois na década de 1980 o município foi reconhecido nacionalmente como a “Capital Nacional do Abacaxi”, devido à sua produção anual de 149 milhões de frutos colhidos. O abacaxi em Monte Alegre de Minas, assim como em outros municípios de Minas Gerais e do Brasil, é cultivado, em sua maioria, por agricultores familiares (Informação verbal, EMATER, 2013).

Ao escolher a temática sobre a agricultura familiar procuramos contribuir para o debate sobre as dificuldades e os problemas enfrentados por esses agricultores, e também mostrar como os agricultores familiares são importantes para a produção de alimentos básicos para a população brasileira, além também de evidenciar as diversidades socioculturais presentes em nas unidades familiares espalhadas pelo território brasileiro.

Assim, a importância da pesquisa justifica-se por tratar-se de uma temática inserida em um contexto não apenas local ou regional, mas nacional, que é a reprodução da agricultura familiar, que dá a base e a sustentação para a continuidade de tradições e modos de vida.

O referido artigo, além da Introdução e Considerações Finais, apresenta três itens. No primeiro item, “A agricultura familiar e os produtores de abacaxi”, o principal objetivo é fazer uma reflexão sobre a terminologia de agricultura familiar e sobre os produtores de abacaxi. No segundo item, “O cultivo de abacaxi para Monte Alegre de Minas (MG)”, abordamos sobre a importância que a produção de abacaxi apresenta para o município. No terceiro item, “(Re)existência dos agricultores familiares produtores de abacaxi frente às monoculturas”, apresentamos os resultados que obtivemos com as entrevistas realizadas com os agricultores familiares, mostrando as diferentes estratégias que eles criam e (re)criam para continuarem sua reprodução no campo.

## **A agricultura familiar e os produtores de abacaxi**

A incorporação da terminologia “agricultura familiar”, “explorações familiares”, “pequena produção rural familiar” na literatura brasileira, que retrata os processos sociais e agrários, surge no final dos

anos de 1980 e, principalmente, em meados da década de 1990. Uma das justificativas, no campo teórico, é a busca de novos referenciais teóricos e analíticos que contribuam para a formação de um corpo de conceitos que extrapole os temas recorrentes, como a integração entre agricultura e a indústria e a ampliação do trabalho assalariado como sinônimo de desenvolvimento capitalista no meio rural.

Mas, acreditando na diversidade e na heterogeneidade das explorações rurais familiares, adotamos aqui, a terminologia de agricultura familiar proposta por Lamarche (1993), que se refere a uma unidade produtiva onde a família, ao mesmo tempo que trabalha, é proprietária dos meios de produção, incluindo aí vários segmentos de agricultores familiares. A esse pensamento, alia-se Wanderley (2001), que considera essa terminologia como a que melhor se aproxima e explica as heterogeneidades da produção familiar presentes no espaço agrário brasileiro.

O agricultor familiar, em seu estabelecimento, desenvolve as atividades agropecuárias em conjunto com sua família, produzindo produtos para o próprio consumo e também para a comercialização no mercado. A relação existente entre família-produção-trabalho na propriedade rural familiar, é fundamental para o desenvolvimento do estabelecimento, pois essa união faz com que toda a família esteja envolvida no processo de produção, resultando assim na forma como eles irão se estabelecer economicamente.

A agricultura familiar possui um papel importante para a economia brasileira e também para a sociedade, pois são através dos estabelecimentos familiares que ocorrem a produção de grande parte dos alimentos consumidos pelos brasileiros, sendo responsáveis por 38% do valor bruto da produção, correspondendo a 54 bilhões de reais do total produzido no país (CENSO AGROPECUÁRIO, 2006).

A terminologia de agricultura familiar foi institucionalizada pelo governo brasileiro com a promulgação da Lei 11.326/2006 que define critérios para delimitar os estabelecimentos rurais que apresentam gestão familiar. A Lei em seu artigo terceiro define que

Art. 3º: Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (p.1)

O estabelecimento familiar, de acordo com a Lei, não pode ultrapassar quatro módulos fiscais, indicando que são pequenas propriedades administradas pela própria família. Assim, as pequenas propriedades por possuírem um tamanho delimitado e também por não apresentarem renda suficientemente alta para se modernizarem, começam a ser ameaçadas pelas grandes propriedades, que, cada vez mais querem expandir sua área agricultável utilizando equipamentos modernos para cultivar produtos para serem exportados.

Para Lamarche (1993, p. 15), agricultura familiar é “uma unidade de produção agrícola onde trabalho e propriedade estão intimamente ligados à família”. A partir desse sentido, o conceito de agricultura familiar não pode ser confundido com as demais denominações de exploração na terra, pois cada categoria está vinculada a histórias e contextos socioeconômicos e políticos diferenciados.

Ainda, de acordo com Lamarche (1993), a produção agrícola é sempre, em maior ou menor grau, assegurada por explorações familiares e, em cada lugar, apresenta diversidades, de acordo com o modo de produção e o modelo agrícola adotados. Em alguns lugares, a agricultura familiar é a ponta-de-lança do desenvolvimento da agricultura e de sua integração na economia de mercado. Em outros lugares, ainda permanece arraigada na economia de autoconsumo. Pode ser reconhecida como a única forma social de produção capaz de satisfazer as necessidades essenciais da sociedade ou, ao contrário, ser excluída de todo o desenvolvimento, sendo totalmente desacreditada.

Abramovay (1990, p. 277) afirma que os agricultores familiares

[...] integram-se plenamente a estas estruturas nacionais de mercado [produtos, créditos, etc.], transformam não só sua base técnica, mas, sobretudo o círculo social em que se reproduzem e

metamorfoseiam-se numa nova categoria social: de camponeses, tornam-se agricultores profissionais. Aquilo que antes era um modo de vida converte-se numa profissão, numa forma de trabalho. O mercado adquire a fisionomia impessoal com que se apresenta aos produtores numa sociedade capitalista. Os laços comunitários perdem seu atributo de condição básica para a reprodução material. Os códigos sociais partilhados não possuem mais as determinações locais, por onde a conduta dos indivíduos se pautava pelas relações de pessoa a pessoa. Da mesma forma, a inserção do agricultor na divisão do trabalho corresponde à maneira universal como os indivíduos se socializam na sociedade burguesa: a competição e a eficiência convertem-se em normas e condições de reprodução social.

O agricultor familiar, de acordo com Abramovay (1990), é integrado ao mercado e também aos pacotes tecnológicos, tornando-se agricultores profissionais, trabalhando em sua propriedade rural em conjunto com sua família, integrando-se as estruturas sociais de mercado, reproduzindo e metamorfoseando de acordo com a dinâmica capitalista.

Abramovay (1992) destaca o papel da agricultura no processo geral de acumulação. A agricultura assume um papel estratégico na economia capitalista, permitindo o rebaixamento dos preços alimentares e de matérias-primas para outros setores da economia capitalista. Esse processo é viabilizado pela simplicidade social do setor agrícola, pela intervenção do Estado e pelas particularidades naturais.

Diante do significado sobre o que se entende por agricultura familiar, as propriedades familiares têm como característica principal a realização do trabalho pela própria família, ou seja, a família trabalha diretamente na terra. As unidades de produção rural familiar conciliam o tripé, propriedade, trabalho e família, unindo, portanto, produção e consumo. O trabalho do homem sobre a terra e os vínculos afetivos criados a partir dessa relação, constituem características importantes da agricultura familiar, ou seja, há um amor pela terra e pela natureza adquirida por meio de laços culturais e passada de geração para geração. Essa é a diferença que a agricultura empresarial tem com a terra, vendo-a como um meio de reprodução do capital.

A agricultura familiar em Monte Alegre de Minas vai além da produção de alimentos para os moradores da cidade. O cultivo, em si, carrega uma carga importante de tradições e modos de vida dos agricultores familiares montealegrenses, eles possuem um conhecimento ímpar em relação ao cultivo

do abacaxi, pois esta tradição está presente no município há mais de cinco décadas, sendo este fruto vendido para diversas regiões do país, como Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás, fazendo parte da economia e da cultura dos moradores e dos produtores, o fruto do abacaxi representa uma história de lutas e de conquistas dos agricultores familiares, pois mesmo sendo pressionados pelas monoculturas, eles resistem e lutam para continuarem sua produção no campo.

### O cultivo de abacaxi para Monte Alegre de Minas (MG)

A história<sup>3</sup> do cultivo de abacaxi no município de Monte Alegre de Minas inicia-se no ano de 1943, quando o pioneiro José Severiano de Araújo, um potiguar, natural de Caicó (RN), se instalou no município, em busca de melhoria de vida, trazendo consigo as primeiras mudas de abacaxi. Mas, após a implantação do abacaxi em Monte Alegre de Minas, vários imigrantes do Rio Grande do Norte vieram também para o município para o trabalho braçal na lavoura de abacaxi. José Severiano de Araújo trouxe, através de pau-de-arara<sup>4</sup>, cerca de cinco mil mudas de abacaxi da região Nordeste para iniciar a plantação em Monte Alegre de Minas. A ideia era produzir em grande escala, já que no Triângulo Mineiro a fruta era rara.

Por acreditar no potencial da produção de abacaxi, José Severiano viu sua produção ultrapassar todas as expectativas e, com isso, teve problemas para comercializar os frutos. Então toda a produção foi levada para comercializar na cidade de Uberaba, na época a maior cidade da região. Com o aumento da produção, teve que levá-la para a capital paulista, fretando vagões da Companhia Mogiana para realizar o transporte dos frutos. Oito anos depois, em 1951, José Severiano de Araújo já tinha 400 mil mudas plantadas e, com isso, outros produtores também passaram a plantar abacaxi em suas terras. O plantio foi aumentando e vários outros produtores aderiram à plantação até transformarem a cidade de Monte Alegre de Minas a capital brasileira do abacaxi, já que naquela época, a produção era exportada

---

<sup>3</sup> Histórico da cidade de Monte Alegre de Minas. Também Disponível em:

<<http://culturamam.blogspot.com/2011/03/historico-atual.html>> Acesso em: 15 out. 2013.

<sup>4</sup> É o nome dado a um meio de transporte irregular, consiste em se adaptar caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. Usa-se também para vender frutas.

para a Argentina, Paraguai, Uruguai e outros países da América do Sul. José Severiano de Araújo foi o grande pioneiro da principal economia de Monte Alegre de Minas.

O abacaxi, ao longo do tempo, foi conquistando espaço no município, fazendo parte da produção agrícola e da economia local. O auge na produção ocorreu a partir dos anos de 1980, tornando-se um dos municípios de maior produção no país. Pelos dados da tabela 1, observa-se a expansão da produção de abacaxi nos anos analisados (1990 a 2012). De 1990 a 1994 há uma expansão muito expressiva, passando de 88.520 para 132.000 milhões de frutos. Em 1996 ocorreu uma queda brusca da produção, devido à uma grande estiagem que ocorreu no município, voltando o crescimento apenas no ano de 1998, conseguindo desde então, auge de produção no ano de 2008 com 112.000 milhões de frutos (IBGE, 2014). Mais recentemente, em 2012, a produção entra novamente em declínio, com 60.000 milhões de frutos colhidos, demonstrando que o cultivo do abacaxi está diminuindo ao decorrer dos anos.

<i>Ano</i>	<i>Área plantada (ha)</i>	<i>Quantidade produzida (milhões frutos)</i>
<b>1990</b>	4.500	88.520
<b>1992</b>	4.000	92.000
<b>1994</b>	5.500	132.000
<b>1996</b>	1.302	16.948
<b>1998</b>	4.000	116.000
<b>2000</b>	3.500	101.500
<b>2002</b>	3.000	90.000
<b>2004</b>	1.800	63.000
<b>2006</b>	1.800	63.000
<b>2008</b>	3.200	112.000
<b>2010</b>	2.000	60.000
<b>2011</b>	2.000	60.000
<b>2012</b>	2.000	60.000
<b>2013</b>	2.000	60.000
<b>2014</b>	2.200	66.000

**Tabela 1** – Monte Alegre de Minas (MG): área plantada e quantidade produzida de abacaxi (1990 a 2014)

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 1990 à 2014. Org.: GUIMARÃES, A. R., 2014.

Para consolidar a atividade, em 1982 foi fundada a Cooperativa Agrícola do Triângulo Ltda (CATRIL), para representar a classe dos abacaxizeiros e dar seu apoio na compra e venda de abacaxi



e suporte de insumos agrícolas para a lavoura. A CATRIL prosperou a partir de 1982, vendendo<sup>5</sup> abacaxi para as principais empresas industriais como<sup>6</sup> a CICA, Suco cítrico Cutrale e Cargil, ambas no estado de São Paulo e para a indústria Extra Fruta do Rio Grande do Sul. Ainda nos mercados internos para São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Campinas, Campo Grande, Brasília, Bauru, Marília e também para as cidades mineiras de Poços de Caldas, São João da Boa Vista, Uberaba, Ituiutaba, Araguari e Uberlândia.

O cultivo de abacaxi foi diminuindo ao longo do tempo, tanto a área cultivada quanto a quantidade produzida, respectivamente. Isso demonstra que o cultivo, que é tradição no município desde a década de 1950, está perdendo espaço para outras plantações, principalmente para as monoculturas de exportação, como a soja, o milho e a cana-de-açúcar. O número de hectares cultivados pelas monoculturas aumentou gradativamente. O cultivo da soja foi o que teve um aumento relativamente alto. Em 1990 eram cultivados somente 9.500 hectares, e no ano de 2010, vinte anos depois, a área cultiva já era de 41.500 hectares destinados para o cultivo desta monocultura. Para o cultivo de abacaxi, em 1990, foram destinados 4.500 hectares. Entretanto, no ano de 2010 houve uma queda na área destinada para o plantio, passando para 2.000 hectares.

A expressividade da produção de abacaxi em Monte Alegre de Minas está presente não apenas no campo, como também na própria paisagem urbana, demonstrando que esta atividade faz parte da vida econômica do município. Podemos encontrar as interferências da produção de abacaxi na cidade de forma visível, como a comercialização dos frutos em barracas (Foto 1) no perímetro urbano da rodovia BR 365. Essa comercialização não é realizada por produtores de abacaxi, mas por pessoas que moram na cidade e compram o abacaxi diretamente dos produtores para revender em suas barracas à “beira” da rodovia, com o intuito de obter fonte de renda. Além da fruta, algumas barracas também vendem o suco de abacaxi e compotas de doces.

---

<sup>5</sup> A CATRIL tentou também fazer exportação para a Inglaterra, mas não obteve sucesso nesta exportação pelos motivos dos intermediários, devido ao fato da viagem ser feita através de navio, que durava aproximadamente 30 dias, as frutas não chegavam em bom estado de conservação, mesmo sendo transportadas em câmara fria.

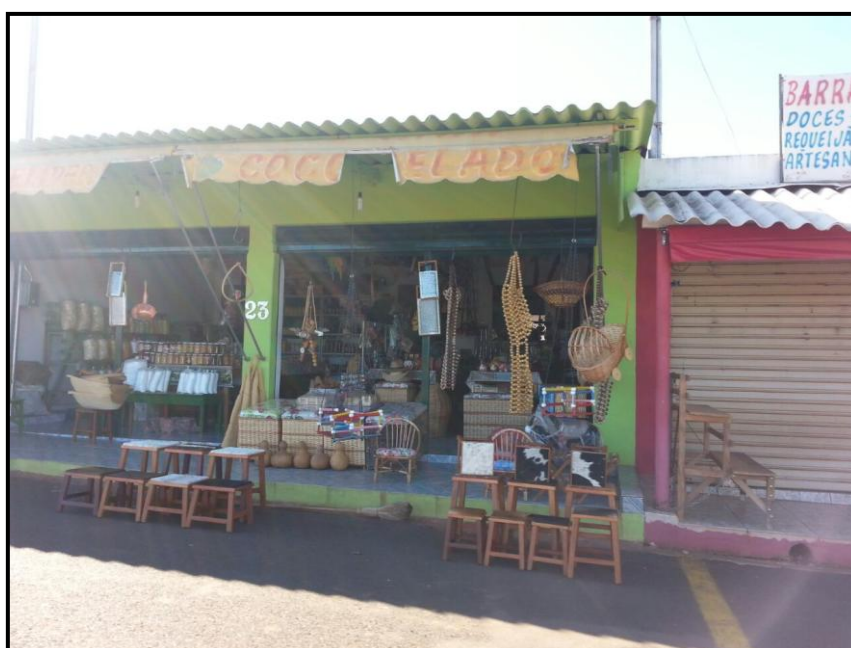
<sup>6</sup> Informações obtidas por meio de conversas informais com ex-presidente da CATRIL.



**Foto 1** . Evolução Monte Alegre de Minas (MG): comercialização dos frutos em barracas na rodovia BR 365

Fonte: Autora: GUIMARÃES, A. R., 2014.

Vale ressaltar que, com a duplicação da BR-365, que teve início em 2009 e sua conclusão em 2011, muitos vendedores perderam seus lugares e lutam para ter um novo espaço de venda de abacaxi às margens da rodovia. As barracas ficavam muito próximas à rodovia e foram retiradas para a ampliação da mesma, com a promessa de que eles iriam ser realocados em outro lugar mais adequado, semelhante ao local onde é vendido os produtos artesanais (Foto 2). Entretanto, já se passaram mais de cinco anos da promessa feita pela prefeitura local e, até 2014, nada foi feito para auxiliar as famílias que vendem os frutos nestas barracas. As condições para trabalhar são precárias no que se refere à infraestrutura, pois as barracas são feitas com a estrutura de madeira e lonas.



**Foto 2.** Monte Alegre de Minas (MG): barracas no perímetro urbano que vendem produtos artesanais (comidas típicas da região, doces, queijos, farinhas, polvilho)

Fonte: Autora: GUIMARÃES, A. R., 2014.

Também há duas agroindústrias (QObba e Talismã) na cidade que fazem o processamento de abacaxi, principalmente na produção de doces, também há comércios voltados para as demandas dos produtores de abacaxi, assim como os empregos gerados por essa atividade, os quais possibilitam maior circulação de dinheiro e mercadorias na cidade.

Nesta mesma rodovia (no perímetro urbano) há a presença de outras barracas que comercializam produtos artesanais, comidas típicas da região, doces, queijos, farinha, polvilho, dentre outros produtos que advêm das pequenas propriedades rurais do município. Essas barracas também possibilitam a renda para 20 famílias de Monte Alegre de Minas.

Considerando a importância da produção de abacaxi, para o campo e para a cidade, percebemos que a produção possui um papel econômico e social significativo para os agricultores familiares e também para Monte Alegre de Minas, tanto para os produtores rurais que cultivam a fruta, como para moradores da cidade que trabalham direta ou indiretamente com o cultivo de abacaxi.

A territorialidade que o fruto do abacaxi exerce na vida dos agricultores familiares, vai além do território que é destinado para o cultivo deste fruto, está presente no cotidiano de cada um que vive no município, que presenciou e presencia a história que o abacaxi representa para Monte Alegre de Minas, as transformações oriundas dessa tradição, fazendo com que os agricultores familiares, que dedicam boa parte de suas vidas para o cultivo do abacaxi, sejam atores importantes nesse processo, ainda que não recebam atenção especial pelo poder público local, são eles os responsáveis por essa tradição, por essa territorialidade, por fazerem deste fruto a história do município.

Dessa forma, constatamos que a agricultura familiar é importante na consolidação da tradição do município, mas está sendo prejudicada pela inserção de novos cultivos, mudando o caráter da agricultura em Monte Alegre de Minas, principalmente pela utilização de novas tecnologias no campo.

A utilização de subsídios do governo é uma das estratégias utilizadas pelos agricultores familiares para continuarem sua luta no campo, grande parte dos agricultores familiares aderiram ao uso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), para plantarem e produzirem em suas propriedades.

Assim, percebemos como a agricultura familiar ainda carece de recursos direcionados pelo governo. Por mais que este segmento seja importante para a economia brasileira, eles não estão recebendo atenção merecida, são deixados de lado no que tange à concessão de verbas para a produção e cultivo de alimentos. E mesmo com todas as dificuldades existentes, os agricultores familiares persistem, resistem e (re)existem em suas propriedades, enfrentando os obstáculos que os cercam, a exemplo, temos os agricultores familiares produtores de abacaxi em Monte Alegre de Minas, que mesmo sendo pressionados pela inserção das monoculturas no município, persistem em cultivar abacaxi e dar continuidade a esta tradição.

### **(Re)existência dos agricultores familiares produtores de abacaxi frente às monoculturas**

A produção de abacaxi em Monte Alegre de Minas é sustentada pela produção familiar, e este cultivo foi passado de geração em geração desde a década de 1950, sendo este fruto importante para a economia do município e também para a continuidade da tradição e dos costumes locais. Mostramos também que é importante a valorização do conhecimento que estas famílias têm em relação ao cultivo de abacaxi, pois o saber fazer do cotidiano que elas possuem é essencial para a continuidade da tradição, sendo um fator importante para a reprodução da família enquanto atores essenciais deste processo.

As propriedades rurais do município são caracterizadas pela presença de famílias que residem no meio rural, ocasionando o gerenciamento dessas propriedades pelas mesmas. Os agricultores familiares são importantes para a produção e continuação do cultivo de alguns produtos tradicionais, dentre eles o que mais se destaca é a produção de abacaxi.

A produção agrícola é diversificada, podendo ser encontrada desde a produção para o próprio consumo até o cultivo das principais monoculturas de exportação. A inserção das monoculturas fez e está fazendo uma grande transformação nas formas de produzir em Monte Alegre. Além desse cultivo demandar uma grande extensão territorial para a sua plantação, somente alguns agricultores possuem capital suficiente para se inserirem nessa dinâmica de produção, ou seja, são os agricultores patronais que plantam as monoculturas de exportação.

A transformação da área rural é visível, e percebemos como o cultivo dessas lavouras mudam a dinâmica de produção e de vivência de algumas famílias que dependem da terra para sua sobrevivência. O significado da terra para os agricultores familiares é diferente da concepção que os agricultores patronais têm sobre ela, pois a terra para as famílias é vista como um meio de viver, produzir, existir e (re)existir. É a forma pela qual eles lutam pela sua sobrevivência, pela continuidade de valores e tradições. Para eles, a terra vai além da produção de algumas plantações, é o laço que une a família, e representa o que ela é. Para os agricultores patronais, a terra é mercadoria e vista como um meio de produção para gerar renda e lucro. A terra não é a base para a vivência da família, é a fonte de capital do empresário rural.

Os agricultores familiares produtores de abacaxi realizam as atividades em sua propriedade em conjunto, a família participa de todo processo produtivo, e não somente do cultivo de abacaxi, mas na manutenção da propriedade em si. Nas propriedades visitadas pudemos constatar que ainda há uma separação entre o trabalho masculino e o trabalho feminino, onde as mulheres ficam responsáveis pelos serviços domésticos, pela confecção de doces e quitandas, e pela manutenção da horta e do quintal da casa familiar. Já os homens são responsáveis pela manutenção das culturas, cuidando do plantio e da colheita dos frutos, além de zelar pelo trato dos animais e também cuidar da manutenção do quintal familiar.

Com a realização das entrevistas, percebemos que as famílias, que lidam diretamente com o serviço na propriedade, são compostas geralmente pelo pai, pela mãe e pelo filho mais velho. Quando a família é composta por dois filhos ou mais, na maioria das vezes, os filhos mais novos não ficam na propriedade

depois da fase adulta, pois eles tiveram condições de estudar e ter outra profissão diferente dos pais, e preferiram seguir outra carreira ao invés de agricultores. Já o filho mais velho, por ter se dedicado a ajudar os pais na propriedade desde novo, não teve a chance de estudar e seguir outros caminhos, e preferiu ficar na propriedade familiar junto com os pais depois da fase adulta.

Das famílias entrevistadas, vinte e sete possuíam quatro membros na família, quinze possuíam três membros na família, treze possuíam cinco membros na família e cinco possuíam seis membros na família. Desse montante, somente as famílias que possuíam três filhos ou mais, eram as propriedades nas quais haviam sucessores dos pais agricultores. As outras famílias que tinham um filho, e no máximo dois, somente os pais ficavam na propriedade, os filhos seguiam outros caminhos, geralmente indo morar na cidade, ou em Monte Alegre ou em outras cidades próximas para continuar os estudos.

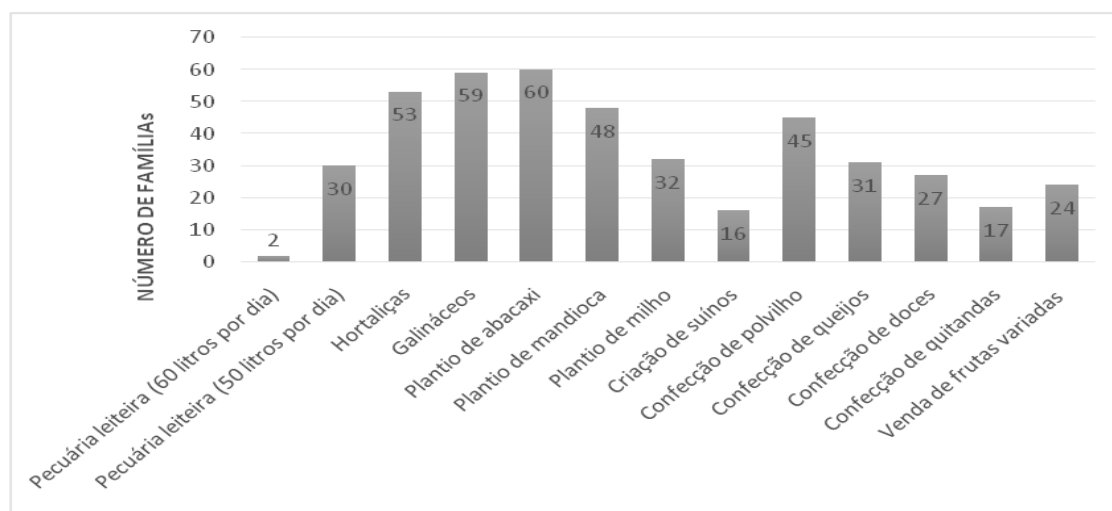
Percebemos que em relação à continuidade do cultivo do abacaxi, o número de pessoas que estão seguindo esta tradição está diminuindo. Do total de entrevistados, somente 30% das famílias possuem filhos que estão morando na propriedade e auxiliando os pais na produção de abacaxi. Esta realidade nos mostra como é importante o papel da família na produção de alimentos e na continuidade de uma tradição, no caso, o cultivo de abacaxi pelos agricultores familiares.

Os agricultores familiares são diversificados em relação à produção agrícola, e não focam somente em um produto, cultivam diferentes alimentos. Se houver prejuízo em relação a uma determinada plantação, eles não saem tão prejudicados, e também para poder atender a economia local com uma gama de diferentes produtos.

Eles articulam uma combinação de produção para o autoconsumo e para a comercialização, como a criação de bovinos, suínos, aves, leite, ovos, queijos, farinhas, polvilho, doces, quitandas, pimenta, jurubeba, hortaliças, abacaxi, mandioca, maracujá, milho, dentre outros alimentos, como estratégias de sobrevivência do estabelecimento rural e da família.

Dentre as famílias entrevistadas, pudemos perceber que eles produzem diversos alimentos além do plantio do abacaxi, e isso acontece pelo fato deste cultivo demandar tempo para sua colheita (entre

dezoito e vinte e dois meses). As atividades que ganharam mais destaque foram a criação de galináceos, o cultivo de hortaliças, o plantio de mandioca e a confecção de polvilho. Todas as famílias afirmaram que cultivam diversos alimentos para poderem consumir e também para comercializar (Gráfico 1



**Gráfico 1.** Evolução Monte Alegre de Minas (MG): diversificação da produção pelos agricultores familiares  
Fonte: Pesquisa de Campo, 2014. Org.: Guimarães, A. R, 2014.

Os gastos nas propriedades precisam se adequar aos rendimentos obtidos com a venda dos produtos, somados geralmente a uma renda extra, como a aposentadoria, pois em algumas propriedades, o patriarca da família já está em idade avançada, recebendo o auxílio de aposentadoria<sup>7</sup>, e também alguns serviços prestados fora da propriedade familiar, trabalhando nas propriedades vizinhas e na cidade, como motorista e ajudante de serviços gerais.

O cultivo do abacaxi pelos agricultores familiares é uma forma encontrada para conseguirem uma renda extra ao final de cada safra, pois este tipo de cultura<sup>8</sup> necessita de tempo para realizar a colheita. Os produtores de abacaxi conciliam este cultivo com outra lavoura, pois precisam de renda para sobreviver e para a manutenção da família e da propriedade. Na foto 4, podemos visualizar a combinação das duas plantações em uma propriedade familiar.

<sup>7</sup> Aposentadoria referente à um salário mínimo de R\$ 724,00 em 20/05/2014.

<sup>8</sup> A terminologia “cultura” é utilizada pelos agricultores para referir-se à plantação de lavouras.





**Figura 3.** Monte Alegre de Minas (MG): cultivo de abacaxi a esquerda e cultivo de mandioca a direita da foto em uma propriedade familiar no município. Fonte: Autora: GUIMARÃES, A. R., 2014.

O cultivo de mandioca também está sendo uma estratégia de reprodução dessas famílias, pois, diferentemente do abacaxi que exige um prazo para realizar a colheita, porque os frutos podem estragar, com a mandioca não ocorre esse problema. Ela pode ficar bastante tempo embaixo da terra e sua conservação é garantida. Por este fator, os agricultores familiares estão aderindo cada vez mais ao plantio de mandioca, e também pelo fato de ter maior valor agregado ao produto, pois eles não gastam tanto com insumos agrícolas quanto no plantio de abacaxi. Além de vender o produto in natura, as famílias também produzem farinha e polvilho, produção de forma artesanal (Foto 5). Dessa forma, conseguem agregar mais valor ao produto. Para a confecção da farinha e do polvilho, todos os membros da família são envolvidos, e afirmam que não faltam compradores para seus produtos.



**Foto 4.** Monte Alegre de Minas (MG): confecção de polvilho: a) Máquina artesanal utilizada para descascar mandioca; b) Ralador artesanal; c) Polvilho pronto para ser consumido e/ou comercializado. Fonte: Autora: GUIMARÃES, A. R., 2014.



Os agricultores familiares, para conseguirem produzir em suas propriedades, necessitam ter certo conhecimento sobre o que está sendo cultivado e também capital para investir em sua propriedade, seja para insumos agrícolas ou para investimento em equipamentos e tecnologias, como tratores e ordenhadeiras mecânicas. Mas, de um modo geral, a produção agrícola nestas propriedades não apresentam este tipo de investimento, pois nem todos produtores aderem os financiamentos e também não recebem assistência técnica com a devida atenção.

Em relação à assistência técnica prestada pela prefeitura, alguns produtores relataram que não utilizam este tipo de assistência porque a prefeitura só os auxiliam com tratores, mas para isso, é preciso que o tratorista seja pago por hora trabalhada. Nos dias úteis (2ª a 6ª feira da semana), é cobrado um valor de R\$ 60,00 por dia, e nos finais de semana e feriados, os motoristas cobram um valor de R\$ 80,00 o dia trabalhado, mais o combustível utilizado. Porém, todos os entrevistados afirmaram que é complicado utilizar este tipo de auxílio, pois estes tratores são usados para outros tipos de serviços que a prefeitura necessita realizar. Somente alguns dos entrevistados utiliza este auxílio, e como justificativa, segue o depoimento de um produtor rural, (Entrevistado 1)<sup>9</sup>:

as máquinas disponíveis “tratores” não são os melhores e pela arrecadação e pelo tanto de emprego e renda que tem no município, se a Prefeitura apoiasse mais os produtores, se incentivasse e disponibilizasse cursos para melhorar os produtores a produzirem com mais garantia, seria bem melhor.

Sobre a assistência técnica prestada pela EMATER/MG (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), os produtores afirmaram que eles dão apoio e auxílio, mas que é um pouco complicado agendar uma visita técnica em suas propriedades, pois há somente dois técnicos agrícolas para atender todo o município. Dos entrevistados, todos afirmaram que já utilizaram ou utilizam o auxílio prestado pela EMATER e 28 agricultores familiares utilizam os serviços prestados pela prefeitura.

Quanto ao uso de agrotóxicos para o cultivo do abacaxi, 100% afirmaram que utilizam inseticida, fungicida, bactericida e herbicida, todos estes utilizados para combater doenças e pragas dos abacaxizeiros e das lavouras. O consumo dos agrotóxicos, adubos e fertilizantes químicos, corresponde

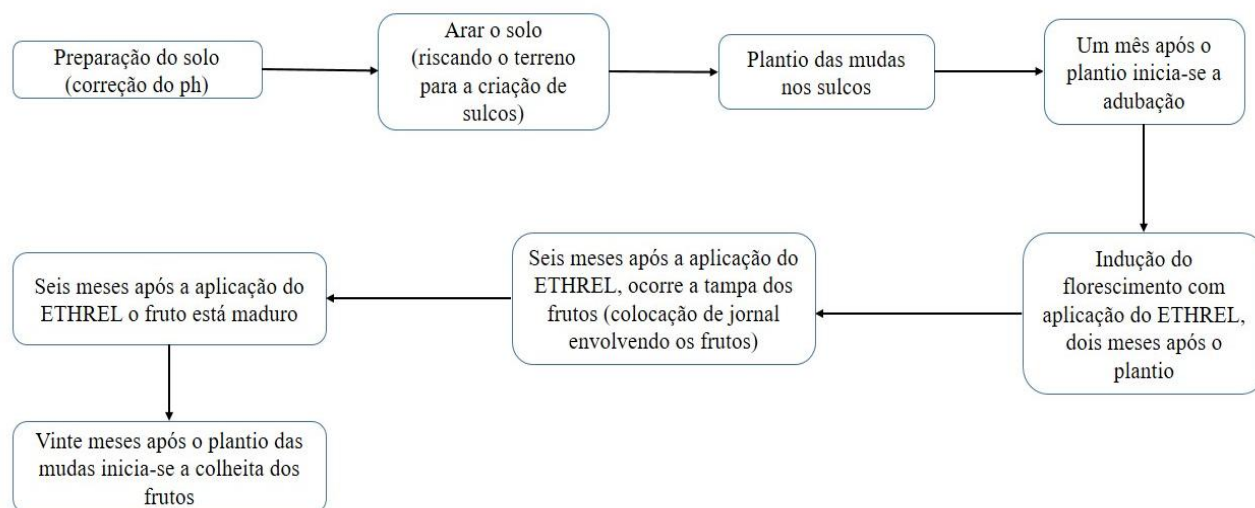
<sup>9</sup> Entrevista realizada em maio de 2014. Em todas as citações dos entrevistados, optamos por não revelá-los, identificando-os como entrevistado 1, entrevistado 2, de forma sequencial.

a um investimento elevado, fazendo com que o produtor tenha um gasto maior para cultivar o fruto, ocasionando um aumento na produção, mas o valor agregado ao produto é relativamente baixo, sendo que o preço varia na safra e na entressafra.

Os depoentes afirmaram que o preço varia de acordo com a época do ano. Se o fruto é vendido na época em que o abacaxi está sendo colhido pela maioria dos produtores rurais do município, a fruta é vendida em torno de R\$ 0,50 a R\$ 0,80 diretamente da plantação. Porém, se a fruta é comercializada em uma época em que só alguns produtores comercializam, o preço pode chegar de R\$ 1,00 a R\$ 1,50 a unidade do abacaxi, ou seja, isso fora do período da safra. Esse valor é comercializado com os “atravessadores” da região, e eles revendem as frutas para os supermercados, para as Ceasas, dentre outros estabelecimentos, com um valor um pouco mais alto.

Sobre o cultivo do abacaxi, podemos visualizar no fluxograma 1 como ocorre este processo, desde o seu plantio até a colheita, acompanhando as etapas que o agricultor familiar segue para plantar este fruto.

Processo produtivo do abacaxi



**Fluxograma 1.** Processo produtivo do abacaxi. Fonte: [www.mda.gov.br/saf](http://www.mda.gov.br/saf) - 1º sem 2010.

A aplicação dos agrotóxicos nas lavouras pelos agricultores familiares exige certo cuidado, pois são produtos químicos nocivos ao ser humano e ao ambiente. Por este fato, é preciso ter cautela em sua aplicação, utilizando equipamentos apropriados e destinando corretamente a embalagem dos produtos.

Dos produtores entrevistados, 55% afirmaram que utilizam os equipamentos de proteção individual, como luvas, máscaras e roupas adequadas, e 45% dos entrevistados afirmaram não utilizar os equipamentos pessoais para proteção. Um agricultor familiar nos relatou que já sofreu intoxicação com a inalação dos agrotóxicos, pois na ocasião não estava devidamente protegido para fazer a aplicação dos produtos, e como consequência desta intoxicação, ele teve náuseas, vômito e tonturas. Após sofrer com os efeitos dos agrotóxicos, este produtor sempre utiliza os equipamentos de proteção pessoal para fazer a aplicação dos produtos químicos nas lavouras.

A respeito da destinação correta das embalagens dos agrotóxicos, 88% dos agricultores familiares afirmaram que devolvem para as lojas que compraram os produtos, disseram ainda que, ao fazer a compra, os vendedores informam sobre a necessidade de fazerem a devolução, pois as mesmas são podem ser recicladas ou incineradas. E 12% dos depoentes afirmaram que fazem a queima das embalagens, e não ter conhecimento que era preciso devolver os recipientes para as lojas. Geralmente, como os agricultores familiares adquirem uma quantidade relativamente pequena de agrotóxicos, não possuem a preocupação de encaminhar corretamente os recipientes para os locais de origem, ocasionando assim mais poluição ao meio ambiente.

Sobre as técnicas e infraestrutura empregadas no processo de plantio e de colheita do abacaxi, os produtores destacaram que é necessário investir em técnicas modernas de produção. E, no caso do abacaxi, uma das inovações tecnológicas importantes para aumentar a produção e produtividade é o processo de irrigação.<sup>10</sup>Essa técnica ainda é pouco utilizada em Monte Alegre devido ao alto preço dos equipamentos. Os produtores disseram que já houveram muitos avanços, pois antes, usavam a força animal no preparo do terreno para o plantio e hoje (2014), utilizam a força mecânica, como o trator por exemplo, para a preparação do solo e também para “riscarem<sup>11</sup>” o solo, para que as mudas de abacaxi sejam plantadas. As técnicas de produção podem ser visualizadas pela fala do entrevistado 2:

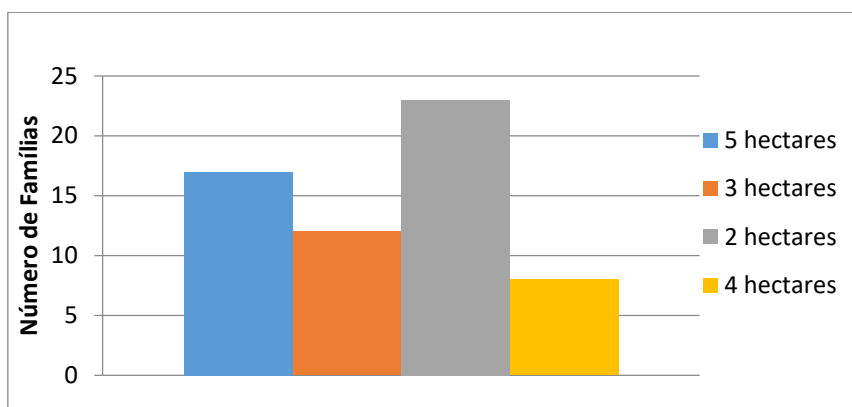
<sup>10</sup>A irrigação pode ser por meio do sistema de aspersão, dentre eles, pivô central, e aspersão convencional.

<sup>11</sup> Antes de iniciar o plantio, é preciso que o agricultor prepare o solo, utilizando o arado para revolver a terra, que, além de arejar, facilita a permeabilidade do solo. O ato de “riscar” o solo consiste na aração do terreno com a criação de sulcos para efetuar o plantio da muda.

No preparo do solo, na maioria das vezes, é necessário o uso do calcário para corrigir o Ph do solo, faço adubação no plantio com mistura de cupiniscida na mistura com o adubo, curvas de nível, riscos para estrondar bem o solo, separação das mudas sadias, e tamanho tanto quanto variedade. Na colheita, às vezes é necessária a utilização de maturador para igualar a coloração das frutas; e apenas carrinhos para colher; mão de obra manual e às vezes encaixar frutos.

Tanto no plantio como na colheita<sup>12</sup> é necessário a contratação de trabalhadores, e esse número varia de acordo com o tamanho da propriedade. Porém, na fase de crescimento dos frutos também é utilizada mão-de-obra contratada, pois é preciso fazer a manutenção da lavoura, capinando e retirando os matos que ficam entre as fileiras da plantação. E, quando os frutos estão chegando à fase de maturação, é necessária a mão-de-obra desses trabalhadores para envolvê-los com folhas de jornais para proteção, e impedir que o fruto seja queimado pelo sol.

Com relação à mão-de-obra temporária, os agricultores familiares contratam trabalhadores na época do plantio e na época da colheita. A justificativa é que este número depende da área plantada, varia de acordo com o tamanho da área. Mas, em média, são contratados seis trabalhadores, conforme argumenta o entrevistado 3: não tenho uma média, porque planto duas ou mais vezes ao ano, para umaideia, um companheiro tira +/- 7.000 mudas por dia e planta +/- 5.000 mudas por dia. Estes “companheiros” que o produtor rural se refere, dizem respeito aos trabalhadores volantes que moram no município, e residem na cidade de Monte Alegre de Minas. No período que não estão no plantio e na colheita do abacaxi, esses trabalhadores trabalham como pedreiros, serventes, entre outros serviços. A maior parte dos agricultores familiares plantam em média 2 hectares de abacaxi, correspondendo a 23 famílias. Estes produtores estão plantando abacaxi há bastante tempo, 70% afirmaram que cultivam abacaxi há mais de vinte anos e 30% disseram que plantam este fruto há mais de dez anos.



<sup>12</sup> Quando o produtor vende a roça de abacaxi fechada para o atravessador, o atravessador fica responsável pela contratação dos trabalhadores que irão colher os frutos.

**Gráfico 2.** Monte Alegre de Minas (MG): área destinada para o plantio de abacaxi pelos agricultores familiares  
Fonte: Pesquisa de Campo, 2014. Org.: Guimarães, A. R, 2014.

Com relação às terras que os agricultores produzem, 70% afirmaram que elas são próprias, e 30% dos entrevistados afirmaram que são terras arrendadas ou que eles produzem nas terras dos pais ou avós sem pagar taxa alguma pela utilização. Os produtores que utilizam estas terras para cultivar o abacaxi residem na cidade de Monte Alegre, sempre fazendo o percurso cidade-campo para trabalhar. Os produtores que arrendam as terras para o cultivo do abacaxi exercem apenas essa atividade. Já os que possuem terra própria residem na propriedade e plantam outros tipos de culturas, como o milho, a mandioca, a melancia, hortaliças, criação de animais e a pecuária leiteira. No entanto, o carro chefe da renda é o abacaxi.

Os entrevistados, ao serem indagados sobre o que os levou plantar abacaxi, 80% foi por incentivo dos pais e dos familiares e 20% afirmaram que foi devido ao solo da região que é propício ao cultivo e porque proporciona uma renda melhor.

Sobre a comercialização do abacaxi, em geral, é realizada com o fruto ainda no campo, antecipadamente e a granel (chamada pelos agricultores de venda da roça fechada). Leva-se em conta o tamanho e a aparência do fruto, de acordo com os padrões das variedades. Para os grandes mercados consumidores do modo *in natura*, seguem os frutos de primeira qualidade, sadios e com peso igual ou acima de 1,1 kg. Os que não atingem esse padrão são vendidos nos mercados locais, perto das regiões produtoras, ou são destinados à industrialização.

O valor da fruta varia de acordo com a época do ano, pois a sazonalidade interfere no valor em que a mesma é vendida. A melhor época para comercializar a produção é entre os meses de fevereiro a maio, porque ocorre uma diminuição na oferta e um aumento na procura, e isso faz com que, o preço seja elevado. Nos meses de junho a janeiro têm-se os preços mais baixos da fruta, pois é a época de colheita na maioria das propriedades rurais que cultivam o abacaxi, e com isso há oferta no mercado, fazendo com que o valor da fruta seja muito inferior à outra época do ano.

De acordo com as entrevistas realizadas com os produtores referentes à comercialização do abacaxi, todos entrevistados afirmaram que vendem grande parte das frutas (as frutas que alcançaram boa aparência e peso ideal) nas Ceasas de Uberlândia e de Belo Horizonte. Porém, os produtores não vendem diretamente para as Ceasas, mas para os atravessadores, normalmente da cidade de Monte Alegre de Minas.

A outra parte da produção, aqueles frutos que não alcançaram o peso ideal para a comercialização em outras regiões, são vendidos para os comércios locais, principalmente, para os vendedores que ficam “às margens” da rodovia, comercializando a fruta. O depoimento do entrevistado 4 mostra como o abacaxi é comercializado na região.

Quando se vende a lavoura fechada, a produção é levada para os Ceasas de Uberlândia ou Belo Horizonte e ainda para várias outras partes do país. Mas, quando essa produção é em menor quantidade, ela é vendida em feiras livres e em barracas às margens da rodovia.

Os agricultores familiares afirmaram que utilizam o financiamento pelo PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) para auxiliar no cultivo da fruta, e ainda afirmaram que usam este financiamento por terem um acesso mais fácil e pelo fato de possuir juros baixos, possibilitando a facilidade de pagamento da dívida. Do total já entrevistado, 83% dos depoentes disseram utilizar este tipo de financiamento e 17% afirmaram que não utilizam nenhum tipo de financiamento, possuem recursos próprios para investir em suas propriedades, e ainda disseram que não fazem o financiamento agrícola com medo de não conseguir quitar a dívida e perder suas terras, pois é preciso colocá-las como garantia para ter acesso ao financiamento.

Percebemos que as dificuldades enfrentadas no processo produtivo pelos agricultores familiares foram elencadas por 90% dos entrevistados, dentre elas estão a comercialização da produção, pois os “atravessadores” compram o abacaxi e na maioria das vezes não pagam ou demoram a pagar; ocorre a falta de assistência técnica por meio dos órgãos públicos e a falta de incentivos da prefeitura municipal para a produção de abacaxi; a incerteza da venda dos frutos na hora da colheita; a dificuldade em arrendar terras de melhor qualidade e próximas à água para a irrigação da lavoura; a falta de mão-de-obra qualificada; e problemas referentes aos insumos para o cultivo, pois grande parte deles não são

registrados para o plantio do abacaxi. Os outros 10% dos entrevistados afirmam que enfrentam dificuldades referentes à modernização do cultivo do abacaxi, pois não possuem capital para a implantação de irrigação nas lavouras.

Os agricultores familiares lutam para conseguirem continuar nessa atividade, pois as dificuldades enfrentadas por eles são muitas, além da pressão existente por parte da expansão de novos cultivos no município. Cada vez mais, os produtores estão deixando de cultivar abacaxi pelos seguintes motivos: este tipo de plantação demanda tempo para colher os frutos e o preço agregado ao produto é relativamente baixo. Por não terem nenhum incentivo para continuarem produzindo, estão se dedicando a outros cultivos, como o plantio de mandioca, de maracujá e de melancia.

Dessa forma, ao analisarmos a realidade na qual os agricultores familiares, produtores de abacaxi estão vivendo, compreendemos que estão resistindo contra o avanço do agronegócio no meio rural, estão lutando para permanecer em suas terras e continuarem sua produção. Mesmo com todas as dificuldades citadas, eles persistem em cultivar o abacaxi. É importante salientar que a produção do abacaxi, tanto para os produtores quanto para o próprio município possui um papel econômico e social importante, por causa da produção, dos empregos gerados, dos comércios na cidade voltados para a demanda da produção de abacaxi, das agroindústrias processadoras de abacaxi. Além de ser importante para a economia, para a história, para a identidade e para a cultura dos montealegrenses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar no município de Monte Alegre de Minas (MG) se insere no contexto da agricultura brasileira, pois é importante tanto do ponto de vista econômico, quanto para a geração de alimentos para a população local, além de ter significativa importância no cultivo do abacaxi, que foi uma das principais culturas no município até a década de 1990. Os agricultores familiares são os responsáveis por parte da produção deste fruto no município. Hoje (2014) existem 600 pequenos agricultores familiares que plantam este fruto, sendo essas famílias importantes para a tradição em cultivar abacaxi, passando esse costume de geração em geração.

Em 1980, quando o cultivo de abacaxi alcançou seu auge, com uma produção de mais de 140 milhões de frutos colhidos, proporcionou ascensão social para diversos produtores, e também atraiu novos agricultores que começaram a plantar este fruto, que na época o seu rendimento era maior que nos dias atuais. Devido a isso, o município de Monte Alegre de Minas (MG) foi reconhecido nacionalmente como a “Capital Nacional do Abacaxi”, sendo um importante exportador deste fruto, tanto nacionalmente quanto internacionalmente.

Na presente pesquisa, a preocupação central que orientou o estudo foi compreender as estratégias de reprodução dos agricultores familiares produtores de abacaxi, frente às transformações socioespaciais e econômicas no município de Monte Alegre de Minas (MG). Pudemos perceber que essa realidade não diz respeito somente a este local e, sim, em todo o território brasileiro, onde existem agricultores familiares que estão sofrendo com a expansão das monoculturas, pressionando os agricultores familiares a deixarem suas terras ou arrendarem para os grandes produtores que cultivam essas plantações.

Os agricultores familiares, produtores de abacaxi, enfrentam dificuldades tanto no processo de plantio e colheita, quanto no de comercialização, pois no município não há uma Cooperativa que possa dar apoio aos agricultores. Grande parte deles cultivam o abacaxi com os ensinamentos que receberam dos seus pais e conversa entre amigos, a assistência técnica prestada pelos órgãos públicos é precária. Com isso, os produtores de abacaxi são prejudicados por não terem acesso a todas as informações necessárias para o plantio. Para a venda do abacaxi, eles precisam realizar todas as etapas sem ajuda nenhuma, dificultando, talvez, o seu crescimento econômico em relação à venda dos frutos.

Ao ser realizado o trabalho de campo, pudemos constatar que os agricultores familiares lidam com alguns problemas, tanto no âmbito pessoal como profissional, dentre eles podemos citar o baixo preço dos frutos em relação ao seu alto custo de produção; a qualidade e regularidade do processo produtivo; o baixo nível técnico dos agricultores familiares; a falta de acesso às informações sobre o cultivo do abacaxi, como preços, produção e mercado; altos preços dos produtos industrializados, como os insumos agrícolas e os maquinários; o baixo nível de instrução dos agricultores familiares;



a falta de uma assistência técnica mais presente no dia-a-dia do agricultor; e a falta de mais políticas públicas voltadas para os agricultores familiares.

É preciso que os órgãos públicos deem mais atenção para os agricultores familiares, pois este segmento ainda carece de ajuda, principalmente no plantio dos frutos e na sua comercialização. É nesta etapa que eles saem mais prejudicados, não tendo auxílio nenhum para a venda dos frutos. Com isso, o preço dos frutos vendidos não é suficiente para pagar o custo da produção.

Os agricultores familiares entrevistados afirmaram que está cada vez mais difícil produzir abacaxi, por falta de políticas públicas voltadas ao pequeno produtor e também por causa das oscilações dos preços do abacaxi, pelo alto custo de produção. Embora, os entrevistados não afirmem que desejam mudar a atividade principal de sua propriedade, percebeu-se certa atratividade pelo cultivo da mandioca.

É importante considerar que, a produção de abacaxi, tanto para os agricultores familiares que plantam o fruto, quanto para o próprio município, possui um papel econômico e social importante, por causa da produção, dos empregos gerados, dos comércios na cidade voltados para a demanda da produção de abacaxi, das agroindústrias processadores de abacaxi. Além disso, faz parte da identidade e da cultura dos montealegrenses. Em relação à agricultura familiar, com base na área estudada, é possível afirmar que a produção de abacaxi tem papel relevante para sua reprodução no município. Essa situação mostra a importância dos agricultores familiares para a produção de alimentos no país.

A produção de abacaxi pelos agricultores familiares ultrapassa os limites do cultivo em si, este fruto representa as tradições e o modo de vida dessas famílias, pois eles possuem conhecimentos sobre esta plantação que foi passada de geração em geração, principalmente pelo fato do abacaxi ser uns dos principais frutos cultivados no município a mais de cinco décadas, participando da cultura dos moradores e dos produtores. A territorialidade do cultivo do abacaxi expressa e demonstra uma história de tradição, de conquistas e lutas pelos agricultores familiares, que mesmo sendo pressionados pelas monoculturas, ainda resistem e lutam para continuarem sua (re)produção no campo.

A partir dessas considerações, compreendemos que a produção familiar em Monte Alegre de Minas é bastante diversificada e importante para a continuidade da tradição e da persistência dos agricultores familiares. Mesmo enfrentando todas as dificuldades para continuarem no campo, plantando outros tipos de cultivos para obterem um pouco mais de renda, a produção de abacaxi ainda é importante para a sua fixação no campo, para a manutenção da família e da propriedade. Além dos agricultores serem importantes para a consolidação histórica do município, ainda conseguem resistir e procuram manter-se nessa atividade como uma forma de lutar contra os diversos problemas que surgem a cada dia.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. Agricultura familiar e capitalismo no campo. In: STÉDILE, João Pedro. A questão agrária hoje. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 94-104.

\_\_\_\_\_. Agricultura familiar e uso de solo. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 11. n. 2. p.73-78, 1997. Disponível em: <[www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n02/v11n02\\_08.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n02/v11n02_08.pdf)> Acesso em: 10 out. 2013.

AMIN, Mário M.; BOULHOSA, Rafael L. Uma análise da posição competitiva do Brasil no mercado internacional de Abacaxi in natura. 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/030163.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2013.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm)> Acesso em: 10 out. 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Aplicação do crédito rural no PRONAF. 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Manual operacional do crédito rural PRONAF. 2002.

BRUM, Argemiro J. Modernização da agricultura: trigo e soja. Petrópolis: Vozes, 1988.

BUAINAIM, Antônio Márcio; ROMEIRO, Ademar; A agricultura familiar no Brasil: agricultura familiar e sistemas de produção. Disponível em: <<http://www.incr.gov.br/fao>>. Acesso em: 12 maio 2013.

CARVALHO, Simone P. de; et al. Panorama da produção de abacaxi no Brasil e comportamento sazonal dos preços de Abacaxi “Pérola” comercializados na CEASA –GO. 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/669.pdf>> Acesso em: 11 abr. 2013.

FAO/INCRA. Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável. Brasília, Resumo do Relatório Final do Projeto UTF/BRA/036, segunda versão. 1996.

FAO/INCRA. Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil Redescoberto. Projeto de cooperação técnica. Brasília. 2000. Também disponível em: <[http://www.deser.org.br/biblioteca\\_read.asp?id=3](http://www.deser.org.br/biblioteca_read.asp?id=3)> Acesso em: 08 set. 2013.

GIACOMELLI, Eloys J. ; PY, Claude. O abacaxi no Brasil. Campinas: Fundação Cargil, 1981. 101p.

IBGE. Censos Agropecuários. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Censo Agropecuário de Minas Gerais, 1980. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Censo Agropecuário de Minas Gerais, 1985. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 30 maio 2014.

\_\_\_\_\_. Censos Demográficos de Minas Gerais de 1970 a 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2014.

\_\_\_\_\_. Produção Municipal de Minas Gerais 1990/2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2014.

IPEADATA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA E APLICADA. [on-line]. Monte Alegre de Minas. Disponível em <<http://ipea.gov.br/ipeadata/>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

LAMARCHE, Hugues (Coord.). Agricultura familiar: do mito à realidade. Tradução de Jehovanira C. de Souza. Campinas/SP: Ed: UNICAMP, 1998.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTOTO AGRÁRIO (MDA)/INCRA. II Plano Nacional de Reforma Agrária: paz, produção e qualidade de vida no meio rural. Edição Especial para o Fórum Social Mundial. 2005.

SCHNEIDER, Sérgio.; MATTEI, Lauro.; CAZELLA, Ademir A. Histórico, caracterização e dinâmica recente do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. In: SCHNEIDER, Sérgio.; SILVA, Marcelo Kunrath; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. (Org.). Políticas públicas e participação social no Brasil rural. Porto Alegre, 2004. p. 21-50.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluratividade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 100-192, fev. 2003.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). Agricultura familiar: realidades e perspectivas. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. cap. 1, p. 21-56.